

## **AULA DE JUDÔ ADAPTADA A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: VIVÊNCIAS NO PROGRAMA NOVO MAIS EDUCAÇÃO**

Ana Claudia Dias Ivazaki (Autor 1); Leonardo Hiromitsu Ivazaki (Co-autor 1); Ronilson de Carvalho Filho (Co-autor 2)

*(Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: anaivazaki@gmail.com)*

**Introdução:** No decorrer dos anos e chegando até os dias atuais, muito foi discutido, elaborado, vivenciado em congressos, encontros e convenções nacionais e internacionais, assegurando os direitos das pessoas portadoras de deficiência e de sua inclusão através de leis tratadas em constituições e declarações estabelecidas por várias nações do mundo, a exemplo da ONU e da UNESCO. No tocante à educação inclusiva dentro das escolas públicas, essa é tida como uma importante ferramenta de fortalecimento do exercício da cidadania ativa, pois entende-se que, nas instituições formais de ensino, a construção dos saberes contribui para o fortalecimento da vida social pautada numa visão holística do papel do ser humano em sociedade. Essa visão de mundo vem se contrapor à visão fragmentada e mecanicista e busca valorizar o Ser nas suas múltiplas dimensões. Como sabemos, a escola não é o único local onde aprendemos coisas importantes, mas ela possibilita que acessemos o universo de aprendizagem tão necessário ao desenvolvimento da pessoa (SIMÕES, 2010). Além disso, também partilhamos da ideia de que “é somente através da ajuda mútua e das concessões recíprocas que um organismo agrupando indivíduos em número grande ou pequeno pode encontrar sua harmonia plena e realizar verdadeiros progressos.” (KANO, 2009). Nesse contexto de valorização do espaço escolar como um lugar de crescimento social e intelectual do indivíduo, podemos registrar a presença de programas do Ministério da Educação junto às escolas públicas, como é o caso do Programa “Novo Mais Educação” que, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimiza o tempo de permanência dos estudantes na escola em prol da melhoria da aprendizagem (MEC, 2017). Apesar dos desafios impostos a muitos professores/educadores desse programa (falta de infraestrutura adequada e remuneração não condizente com as necessidades dos profissionais que nele atuam), reconhecemos a relevância de seus objetivos e, a partir dos cursos e oficinas nele desenvolvidas, tem-se conseguido bons resultados em termos de inclusão e renovação da autoestima do alunado. Nesse relato de experiência, trazemos à tona as vivências em atividades de Judô realizadas junto a turmas de alunos não deficientes do 5º ao 9º ano de uma escola de Ensino Fundamental e Médio, situada em Campina Grande-PB. Numa relação de parceria com a comunidade escolar, nosso objetivo com essa intervenção didática foi desenvolver atividades de Judô que possibilitassem a integração de todos os indivíduos a partir da valorização do respeito às diferenças e a reflexão sobre os ensinamentos de Jigoro Kano, Mestre Fundador do Esporte Judô (1882). **Metodologia, resultados e discussão:** Amparados numa metodologia de cunho etnográfico, qualitativo e interpretativista, nosso relato se centra numa experiência de ensino produtiva realizada durante um encontro do programa Novo Mais Educação equivalente a 4 horas-aula no contra turno das atividades escolares dos aprendizes envolvidos. No total, a aula envolveu 15 alunos do ensino fundamental (anos finais), pertencentes à faixa etária de 09 a 13 anos de idade. Nesse encontro, os aprendizes foram direcionados ao Judô adaptado a pessoas com deficiência visual e, como não havia alunos portadores de deficiência (física ou cognitiva), experimentamos colocar vendas nos olhos dos alunos participantes (vide imagem 01 e 02 abaixo) com a finalidade de fazê-los viver a

experiência de se movimentar segundo as técnicas do esporte, mas sem usar o sentido da visão.

Imagens 01 e 02: Atividades lúdicas durante a aula de Judô onde os/as alunos/educandos utilizavam vendas simulando deficiência visual



Fonte: Leonardo Ivazaki, abril de 2018.

Como todos os alunos já sabiam da delimitação dos espaços destinados à prática desse esporte, não foi necessário explicitar ou descrever o espaço físico. Explicamos que, na existência real de um aluno deficiente visual, o espaço deveria ser descrito de forma verbal, exploratória, e de forma tátil, enfatizando que os sentidos mais utilizados na realização das atividades nas aulas de Educação Física envolvem estratégias de ensino de forma sonora (audição), como bater palmas, acompanhamento de sons ao redor do deficiente visual, e tátil (tato), dando assistência física para realizar o movimento. Nesse sentido, a percepção tátil sinestésica é utilizada para ensinar o movimento e a descrição/demarcação tátil no ambiente e o contato com os objetos reais serve para explicar as atividades. Outras estratégias didáticas utilizadas na aula adaptada de Judô foram a dinâmica do grupo oral, a modificação da regras, a tutoria (colega/professor), a utilização de instrutor de orientação ambiental, que refere-se à exploração do ambiente de aula e demarcação tátil do ambiente. Todas as atividades foram previstas no plano de aula, sendo que houve algumas alterações em função do ambiente físico da prática. A execução da aula de Judô adaptado se deu de forma sempre lúdica e através de troca de ideias com os alunos participantes, tendo como cautela a garantia da segurança e integridade física de todos. O resultado alcançado através dessa vivência enriqueceu a todos os envolvidos professores/ educadores sociais e educandos/alunos. Durante a atividade, uma das alunas nos revelou: *“Eu tenho dois irmãos cegos de 05 e 07 anos de idade, eu não sabia como fazer uma atividade como o Judô poderia ser difícil para eles”*. Dessa forma, ao final dos trabalhos, nosso objetivo foi alcançado, pois os alunos sentiram como é a rotina do dia a dia do deficiente visual e de como é feita a prática desse esporte de luta por portadores de deficiência visual, seja ela total ou parcial. Outra questão observada foi a exploração de um dos princípios trabalhados no Judô, que é a compaixão, abordada por Professor Jigoro Kano, criador desse esporte. A pessoa que está sendo o tutor/guia tem responsabilidades e deveres para com o deficiente, trabalhando assim o ser humano (aluno) para que este possa ser útil na sociedade, com suas obrigações civis, e em respeito ao próximo, seja ele deficiente ou não deficiente. **Conclusões:** Diante do exposto nesse relato, embora tenhamos desenvolvido esta atividade e alcançado, à princípio, os objetivos propostos, inferimos que todos os participantes, inclusive nós professores/ educadores sociais ainda temos muito que aprender sobre as práticas pedagógicas inclusivas

(83) 3322.3222

nas escolas públicas, pois concordamos com Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.159) quando afirmam que “apesar da importância do jogo simbólico no desenvolvimento do ser humano, realizamos poucos trabalhos sobre seu desenvolvimento nas crianças cegas e deficientes visuais”. Assim sendo, é imprescindível refletirmos e aperfeiçoarmos nossas práticas pedagógicas quanto à formação educacional das pessoas com deficiência e sua inclusão satisfatória aos ambientes escolares assim como nas demais instâncias sociais.

Imagem 03: Foto oficial da turma após a realização da aula adaptada de Judô



Fonte: Leonardo Ivazaki (Abril de 2018).

## Referências

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesus. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. São Paulo: Editora Cultrix, 2009.

MEC. **Programa Novo Mais Educação**. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>. (Acesso em 08 ago. 2018)

SIMÕES, José Luis. **Pesquisa em Teoria e História da Educação**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.